

---

## Crise financeira

# Brasileiro perde em um ano cerca de um décimo de sua renda

■ Com poder de compra 9,1% menor, a população se vê obrigada a sangrar poupança em R\$ 40bi e é afetada por 12 milhões de pessoas sem trabalho. **Páginas 8 e 9**

---

**Panorama.** Desocupados somam 12,1 milhões e recurso líquido da poupança tem redução de R\$ 40,7 bi

# Brasileiro 9% mais pobre com queda no emprego e na renda

**Taxa de desemprego de 11,9% é a mais alta em quatro anos no Brasil, diz IBGE**

■ JULIANA GONTIJO

■ Você tem se sentido mais pobre? Não consegue o mesmo padrão de vida de alguns anos atrás? Saiba que não está sozinho. O poder de compra da população brasileira caiu 9,1% no intervalo de 2015 ao primeiro semestre do ano passado. Foi o menor patamar desde 2011, conforme levantamento do economista João Morais, da Tendências Consultoria Integrada. A situação se agravou no segundo semestre, segundo o especialista, mas

os indicadores ainda não estão fechados.

O cálculo, que leva em conta a renda do mercado de trabalho, a renda da Previdência, o crédito, os juros e a inflação, mostra que população está sem condições de aumentar o consumo e de economizar. Tanto que os brasileiros reduziram em R\$ 40,701 bilhões os recursos líquidos da caderneta de poupança em 2016. “O principal limitador do poder de compra das famílias brasileiras foi o mercado de trabalho”.

Para os especialistas, além do desemprego em alta, o empobrecimento dos brasileiros foi influenciado pela queda no rendimento médio. As pessoas desocupadas no país so-

nam 12,1 milhões no trimestre encerrado em novembro do ano passado, conforme levantamento do IBGE. E a renda real – descontada a inflação – caiu nos últimos dois anos.

O recuo começou em 2015, com retração de 5% na comparação com o ano anterior. Foi a primeira redução da renda média em 11 anos, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), também do IBGE. A renda passou de R\$ 1.950 em 2014 para R\$ 1.853 no ano seguinte. Se considerarmos a renda das famílias, o recuo em 2015 foi ainda maior: 7,5%.

E em 2016, no terceiro trimestre, o rendimento médio real foi 2,1% inferior ao verificado em igual período de

2015. O diretor-geral do instituto de pesquisa Data Populár, Dorival Mata-Machado, afirma que o poder de compra da classe média está menor. O que, segundo ele, pode ser verificado, por exemplo, pela redução de alunos em escolas da rede privada, além do corte de vários serviços no orçamento, como o de cabeleireiro. “As idas ao salão foram reduzidas. Muita gente passou a fazer em casa o que fazia no salão, o que demonstra que o volume de dinheiro extra para o consumo reduziu”, observa.

Para o economista e diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Social, Marcelo Neri, os anos de 2015 e 2016 foram de empobrecimento generalizado para os brasileiros, em especial os

mais pobres, o que pode ser constatado pela redução da renda. “O bolo diminuiu e o pedaço dos mais pobres ficou ainda menor”, observa.

Neri observa que o país foi perdendo, nos dois últimos anos, um dos símbolos da nova classe média, também chamada de classe C, que é a Carteira de Trabalho assinada. Em 2016, segundo dados do Ministério do Trabalho, o país fechou 1,32 milhão de empregos formais.

A taxa média do desemprego em 2015, conforme o IBGE, ficou em 8,5%, índice superior ao verificado em 2014 – 6,8%. A taxa de desemprego de 11,9% verificada no terceiro trimestre de 2016 é mais elevada já registrada da série histórica da

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), iniciada em 2012.

Ainda de acordo com o economista da FGV, famílias com renda entre R\$ 2.500 a R\$ 10.777, considerando valores de setembro de 2016, podem ser classificadas como a nova classe média ou classe C. Já para o diretor do Data Popular, a classe média brasileira não teve alteração significativa em quantidade de pessoas nos últimos quatro anos. “Ficou praticamente estável”, garante ele. Mata-Machado argumenta que para ter impacto no contingente de pessoas em uma determinada classe social, a mesma condição econômica deve se manter em um espaço de tempo maior.

## Inflação

# Demanda cai e causa um efeito cascata

➤ A redução da renda do brasileiro verificada pelos institutos de pesquisa é confirmada no dia a dia de trabalho da cabeleireira Sheyla Machado. “O número de clientes caiu em 2016 na comparação com 2015. Isso é bem visível, em especial, em dezembro, época que era movimentada por causa das festas de fim de ano. Assim, o meu rendimento acabou caindo”, diz.

Além da renda menor,

impactou no orçamento da família de Sheyla a inflação, que teve alta de 6,29% em 2016. No ano anterior, a taxa teve variação de 10,67%. “É fato que tudo está mais caro. Em 2015, minhas compras de supermercado ficavam na casa dos R\$ 500. Com esse mesmo valor, eu não fazia as mesmas compras em 2016, que passaram a custar de R\$ 800 a R\$ 900”, conta.

Para ela, a crise na economia e o aumento do desemprego foram alguns dos motivos que afugentaram as clientes do salão. “Não sei se é pelo fato de que mais começou a falar da crise, mas tive a sensação de que 2016 foi pior que 2015”, diz. **(JG)**

# BRASILEIRO EMPOBRECE

Crise impacta renda e emprego; alta de preços corrói salários

## O TAMANHO DA CLASSE C

Famílias com renda de R\$ 2.500 a R\$ 10.777  
MILHÕES DE PESSOAS



Aumento de 45,8

## CLASSES A E B

MILHÕES DE PESSOAS



Aumento de 12,1

## INTERVALO DE 2003 A 2014

CATEGORIA	RENDA
5% mais pobres da população	+120%
Classe C/mediana	+87%
5% mais ricos	+39,8%

Em 2015, os 5% mais pobres tiveram queda na renda real de **14%**

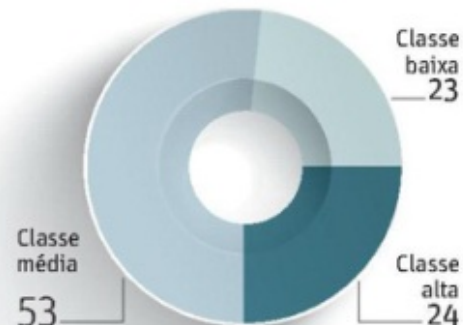
## Renda média do brasileiro (%)



\* DADO REFERENTE A SETEMBRO DE 2016

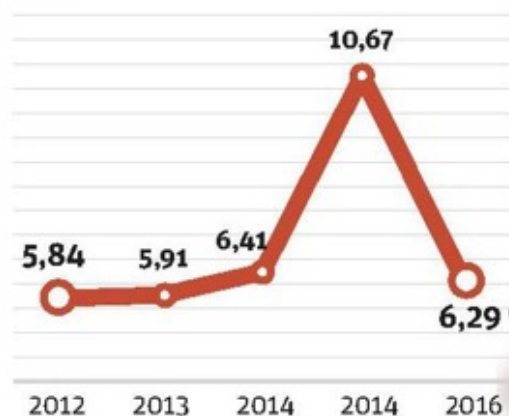
## DIVISÃO DE CLASSES NO BRASIL ESTAGNADA DESDE 2013

% DA POPULAÇÃO



## INFLAÇÃO NOS ÚLTIMOS ANOS

EM %







**Aperto.** A cabeleireira Sheyla Machado sentiu a queda na demanda no salão ao mesmo tempo que viu os preços dispararem no sacolão